

Dramática Iberoamericana para la infancia y la juventud N° 119
CELCIT - ATINA - RED IBEROAMERICANA de ASSITEJ

Entre o céu e a terra

Luiz Carlos Laranjeiras (Brasil)

Teatro musical popular brasileiro. Palco e rua.
Intérpretes: 12 actrices- 10 actores
Edad de público sugerida: 5+

PERSONAGENS

RAPSODA

Narradora, barda, poeta, música, toca viola e sanfona, atua, declama e canta.

CAVALEIRO 1

Narrador.

CAVALEIRO 2

Narrador.

CAVALEIROS e AMAZONAS

Rainhas, reis, guerreiras/os, heroínas/heróis, paramentados com capas, chapéus, espadas, lanças, escudos, elmos, máscaras, etc., com adereços e cavalos de pau feitos com cabos de vassoura, caixas de sapato, ripas, tampas de panelas, panos, fitas, papeis, papelão e materiais simples; cavalos de pau e adereços improvisados, como nas brincadeiras das crianças; amazona, mulher que monta a cavalo, cavaleira, cavalgante, cavalgadora; trazido por uma Amazona, no estandarte de cetim branco e vermelho, com brilhos, franjas e espelhos, está escrito em letras azuis e amarelas brilhantes: “Teatro do Buraco do Céu - Patacoadas, Músicas, Estripulias, Danças, Rebuliços, Improvisos, Folias e Folganças - Teatro do Mundaréu - O Mundo Gira e o Teatro Roda Dança”.

CAÇADOR

TATU GIGANTE

Personagem/boneco, construído e movimentado como boneco de rua, “bonecão”, um pouco menor, com dois metros e meio de altura, mais ágil; ator/atriz usa “arranjo de cabeça”, na cabeça um balde acolchoado ou cesto de vime, base onde é feita a cabeça do boneco; o ator fica encoberto pela roupa do boneco e vê por uma fresta no balde/cesto.

FORMIGA

Ator/atriz com “parangolé” pintado e arranjo de cabeça de formiga; as indicações sobre os “parangolés” estão depois do quadro de personagens; arranjo de cabeça é o adereço, a alegoria de carnaval que o ator/folião usa na cabeça, caracterizado como personagem.

TATU-BOLA

Ator/atriz com “parangolé” pintado e arranjo de cabeça de tatu-bola.

ANTÔNIO

Lavrador.

ELIAS

Lavrador.

JONAS

Lavrador.

MAIRUM MAÍRA YANDARA MESTRE

Figura do maracatu, “tirador de loas”, puxador dos cantos, comanda a cantoria.

EMBAIXADOR

Figura do maracatu, carrega o estandarte.

DAMA DO PAÇO

Figura do maracatu, traz o “calunga”, uma pequena boneca.

FOLIÕES 1

Figuras do maracatu, cortejo luxuoso e vibrante, no ritmo frenético dos tambores, de reis, rainhas, princesas, embaixadores, damas, “dançadoras” e indígenas, “caboclos de lança”, com guizos nos tornozelos e cocares emplumados; uma pequena orquestra de percussão com tambores, caixas, chocalhos e agogôs acompanha o cortejo.

MAPINGUARI

Macacão peludo agigantado, monstro amazônico, dois metros e quarenta de altura, coberto de pelos, menos no umbigo, grito medonho, com garras afiadas e pés tortos, segura um homem/boneco, do qual morde a cabeça, come os olhos, a língua, o nariz e os miolos; quando morde a cabeça saem sangue, miolos, massa encefálica, etc., feitas com líquidos e materiais especiais, para causar repulsa; o tambor-onça e a cuíca fazem os rugidos do bicho; ator/atriz com perna de pau caracterizado como o macacão cabeludo agigantado; assombração, ser imaginário da geografia mitológica brasileira.

FOLIÕES 2 *

Figuras do “cordão de indígenas” dos carnavais de rua no Brasil, tupinambás, caetés, tamoios, tupiniquins, potiguares, tabajaras, carijós, etc., com pássaros e cobras artificiais; o porta-estandarte é destaque do cordão; pode ser um “bloco de sujos”, com diabos, pierrôs, colombinas, arlequins, odaliscas, tirolesas, reis, rainhas, valetes e damas do baralho, piratas, etc.; predomínio do vermelho e branco nas fantasias.

CLÓVIS

“Bate-bola”, figura mascarada do carnaval de rua carioca, com uma bola/bexiga pendurada no bastão de madeira, comanda o “cordão de indígenas” e/ou “bloco de sujos”.

ANJOS (4)

Figuras, vultos luminosos que fazem as mudanças de cenário.

MÚSICOS (3)

Violão, viola e outras cordas, flauta e sopros, percussão e canto; música ao vivo; com roupas azuis escuras, detalhes vermelhos e amarelos, ficam num tablado/praticável lateral, acima ou abaixo do plano do palco, onde tocam, cantam e fazem as intervenções sonoras no tecer da trama, conforme o encadeamento das ações; os “eventos naturais” são feitos pelos músicos; sonoplastia ao vivo; música acústica, eletrificações breves e pontuais de guitarra em algumas cenas; no quadro de músicas e nas rubricas ao longo do texto são indicados os ritmos, modos e instrumentos usados em cada música, tema e/ou intervenção sonora.

MÚSICAS

TEATRO DO BURACO DO CÉU

Ciranda, vocal e instrumental.

LÁ NO CÉU

Cururu, moda de viola, vocal e instrumental.

CAÇADOR

Tambor-de-crioula, vocal e instrumental.

ENTRE O CÉU E A TERRA

Maracatu, vocal e instrumenta

PÉ NO CHÃO

Xote, tema instrumental.

FIO TERRA

Samba-de-roda, vocal e instrumental.

PARTIDA

Moda de viola, vocal e instrumental.

MAPINGUARI

Ijexá, tema instrumental, atabaques, cuíca e tambor-onça, rugidos da fera.

AMOR DE CARNAVAL

Marcha-rancho, vocal e instrumental.

DANÇA DA TERRA

Samba-de-breque, vocal e instrumental.

AMOR DE SÃO JOÃO

Baião, com variações para xote, quadrilha, festa junina, sanfona, zabumba e triângulo, formação de trio de forró e/ou festa junina, vocal e instrumental; outra proposta: a música pode ser um cateretê, xiba-cateretê (chiba-cateretê, dança dos tamancos, dos litorais fluminense e paulista), com viola, cavaco, pandeiros e pratos, palmas e sapateados, alguns usam tamancos.

Observações:

Espectáculo de teatro musical popular brasileiro, palco e rua, que tem em sua proposição estética materiais das danças, músicas e brincadeiras de roda do imaginário popular, temas e formas das “ancestraisidades” brasileiras, neologismo criado pelo autor, amálgama de ancestralidades e teatralidades, as teatralidades ancestrais formadoras das culturas brasileiras, escrita assim mesmo no plural, para designar a diversificada produção simbólica e as múltiplas expressões artísticas e práticas culturais das matrizes pindorâmicas/povos originários/indígenas, africanas, afro- pindorâmicas e luso-ibéricas.

Letras, temas instrumentais e músicas autorais. Os ritmos das músicas são sugeridos no texto; as letras-poemas podem ser musicadas pelos artistas envolvidos no processo criativo de montagem da peça. Os créditos e citações à autoria das letras e músicas e à autoria da peça são obrigatórios.

A música executada ao vivo é a forma adequada para a realização dos espetáculos em sua plenitude dramática e musical, cumprindo os propósitos artísticos e educativos de estimular e fomentar nos espectadores o gosto pela música e o teatro.

Os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” sonoros, diálogos, interferências dos instrumentos, cômicas e/ou dramáticas, numa ação, fala ou situação. As músicas são cantadas e tocadas de modo acústico. Os instrumentos eletrificados são a guitarra, o baixo e um teclado, usados pontualmente no encadeamento das ações das peças.

As indicações “vocal e instrumental” no quadro de músicas e nas rubricas são para as músicas cantadas (vocais) e tocadas (instrumentais), as músicas e temas apenas instrumentais e para as canções somente cantadas, sem instrumentos, em solo e/ou em coro, de acordo com a cena. As indicações de “Bis”, colocadas entre parênteses no final dos versos, significam que aqueles versos devem ser cantados novamente,

bisados, em coro e/ou em solo, conforme a música; espetáculo com canto responsorial, canto e resposta; canto solo e canto coral, coro; refrão bisado em coro.

Propostas de interpretação teatral-atuação:

. Uso da fala quase canto, canto quase fala; fala-canto, canto-fala, fala rapsódica, canto rapsódico;

. Algumas falas e diálogos têm rimas e devem ser destacadas na enunciação; atenção à prosódia, o ritmo da linguagem falada, a emissão dos sons da fala, a frequência, altura, o acento, a ênfase, a entoação, a musicalidade, a metrificação, os aspectos sonoros da palavra falada em cena; os versos dos cocos estão escritos no modo como são cantados, mantendo a grafia original com as expressões dialetais, a prosódia musical característica dos cantadores populares e tiradores de coco.

. “Comunicação”, neologismo, amálgama de comunicação e canção, as canções comunicam algo na tessitura da narrativa; narrativa “comunicancioneira”, “comunicancionista”.

. “Descrevivência”, neologismo, amálgama de descrever e vivência, descrever com vida, como um vivente, condição atoral da atriz/ator que “descrevivencia”, descreve e vivencia, “descrevive”, descreve de modo vivido, uma ação-situação-fala-movimento no encadeamento das ações.

Os textos dramatúrgicos são compostos pela escrita principal, os diálogos, e a escrita secundária, as rubricas, textos complementares aos diálogos, com as indicações das ações, gestos, intenções, emoções, movimentações, iluminação, cenários, figurinos, músicas, entradas e saídas, etc., colocadas em itálico e entre parênteses ao longo do texto.

Figurinos

Os “parangolés” dos personagens-seres imaginários, figuras, espectros, assombrações, são capas, batas, bandeiras, estandartes e/ou tendas feitas com vários materiais (tecidos, borrachas, tintas, papeis, palhas, etc.); são “esculturas móveis”, “objetos de vestir”, com camadas de panos coloridos postos em movimento e ação a partir da dança e do jogo de interação do ator/atriz com o objeto que veste; os “parangolés” dos personagens FORMIGA e TATU-BOLA podem ser pintados e/ou feitos com apliques e colagens de retalhos e outros materiais; proposta de figurino/vestuário/objeto interativo e vivo inspirada nos “parangolés” do artista plástico brasileiro Hélio Oiticica (1937-1980), “objetos de vestir” que apresentam fusões de cores, materiais, estruturas, palavras, danças, fotografias, grafismos e músicas, de modo que o espectador/ator/atriz passe da contemplação para a criação, a participação e a transformação dos objetos e, assim, a obra se realiza em sua plenitude.

PRÓLOGO

Antes do espetáculo, os espectadores recebem na entrada do teatro fitas, lenços, tiras de panos, barbantes e cordas coloridas. As cadeiras na plateia também têm fios, barbantes, lenços e fitas, que serão usados pelo público e as atrizes/atores no segundo ato.

Chegança. Três apitos longos. Começa a ciranda TEATRO DO BURACO DO CÉU, tocada pelos três MÚSICOS, viola, flauta e zabumba, e a RAPSODA, com sanfona, na coxia. O palco é o céu, com estrelas e constelações desenhadas com materiais luminosos e reluzentes em panos azuis claros e escuros, colocados nas laterais e no fundo do palco. As luzes abrem um pouco e destacam as estrelas. Entram os Músicos, a Rapsoda e um grupo compacto de CAVALEIROS e AMAZONAS, com capas, chapéus, espadas, lanças, escudos, elmos, máscaras, etc., montados em cavalos de pau, com movimentos na pulsação da ciranda. Uma Amazona traz o estandarte. As luzes abrem totalmente, todos cantam, dançam e evoluem pelo palco com seus cavalos de pau em movimentos coletivos, com rodopios, giros, galopes, trotes, volteios, mesuras e saudações.

O Teatro do Buraco do Céu

Abre a roda, bate palma e gira, Conta histórias do mundaréu,
Bate o pé, dá umbigada e toca a lira! *(Bis)*

Hoje tem coco, xote, maxixe e baião, Tem cururu, martelo, jongo, tem catira! Entra na roda e canta samba-canção,
Tem viola e batuque pro Curupira! *(Bis)*

O Teatro do Buraco do Céu é só folia, Todo mundo ganha pouco
E está sempre no sufoco,
Mas no palco é só alegria! *(Bis)*

Salve a chegança dos cavaleiros! Evoé, sátiros de Dionísio!
Salve as crianças, os aventureiros!
Entre o céu e a terra é o paraíso! *(Bis)*

Os CAVALEIROS 1 e 2 conduzem o prólogo com apitos e uma lança cada um, usadas como um “bastão de Molière”, bastão usado no tempo de Molière para anunciar o início da peça, o começo da “função”, com três batidas no chão, referentes aos atuais três sinais/campainhas. A RAPSODA acompanha os Cavaleiros 1 e 2 na condução do prólogo. Suas falas são quase cantos, ou “cantos quase falas”, na pulsação da ciranda, agora instrumental. Todos dançam de frente para o público.

CAVALEIRO 1

Respeitável público! Os cavaleiros brincantes do Teatro do Buraco do Céu trazem ao palco seu estandarte e suas espadas, escudos e lanças! Levantem as espadas bandeiras!

RAPSODA

Abram todas as luzes e cores na ribalta que chegou o teatro sem medo e com esperança!

CAVALEIRO 2

O Teatro do Buraco do Céu!

TODOS

(Dançam e falam em três tempos da ciranda)

Teatro do Buraco do Céu! *(Fazem um gesto)* No fundo do buraco do mundo! Entre o céu e a terra! *(Outro gesto)* Teatro do mundaréu!

A ciranda cessa e todos param num gesto de frente para o público, com os cavalos, espadas, escudos e bandeiras, fixando uma imagem-fotografia-estampa, uma composição cênica da chegada dos Cavaleiros. O Cavaleiro 1 apita, a ciranda volta, instrumental, e pontua a narração. Os Cavaleiros e Amazonas evoluem pelo palco. Os músicos vão para o tablado lateral. O estandarte é colocado atrás do tablado dos músicos, visível, no espaço dos instrumentos da peça.

CAVALEIRO 2

Somos Cavaleiros e Amazonas! Chegamos de longe para alegrar os corações, atizar as mentes! *(Ao público)* Ei, menino, o tique taque do seu coração bate tão alto que escuto daqui. *(Cantarola no ritmo da ciranda)* Tique taque, tique taque, ziriguidum! É tanta emoção, é um zunzunzum! Nesse coração cabe mais um? *(Vozes espectrais e sons de insetos na coxia; a ciranda cessa; todos erguem as espadas; silêncio; mais vozes e sons estranhos na coxia)*

CAVALEIRO 1

Calem vilões, espíritos e fantasmas das coxias! Calem cupins, ratos, baratas, escorpiões, percevejos, besouros e aranhas do palco, dos camarins e da plateia! Calem, espectros, assombrações e mortais da plateia, que o céu e a terra se juntarão nesse palco numa saga de sorte e de morte. *(As vozes e sons cessam; todos baixam as espadas; retoma, a alguém na plateia)* E a senhora? Não pense nas notas dos filhos na escola.

CAVALEIRO 2

(Aponta)

E a mamãe e o papai aí? Estão preocupados com o boletim dos filhos? Esqueçam tudo agora.

CAVALEIRO 1

Adorável público! *(Volta a ciranda, instrumental)* Após maravilhosas apresentações e retumbantes sucessos de público e crítica em Itaboraí, Itaguaí, Pirajuí e Itanhaém.

CAVALEIRO 2

Sucessos estrondosos e casas lotadas em Itaquaquacetuba, Pirituba, Vila Kennedy, Carobinha, em Piraporinha, Pari e Xerém.

CAVALEIRO 1

M'Boi-Mirim, Nhandeara, Itacorubi, Belém... CAVALEIRO 2

Ponta Grossa, Ubá, Mariana, Viçosa, Pina, Paulista e Itamaracá. CAVALEIRO 1

Piripiri, Macajabá, Encruzilhada, Jequié, Pilão Arcado e Catité. CAVALEIRO 2

Guarapari, Campeche, Macapá, Uberaba, Brumado e Macaé. CAVALEIRO 1

Dores de Indaiá, Jaú, Ibirá, Caxambu, Guaxupé... CAVALEIRO 2

Corumbá, Tremembé, Grajaú, Caetité, Jaçanã, Acaraú, Tupã...

CAVALEIRO 1

Porangatu, Codó, Ponta Porã, Caicó, Paracatu, Piatã e Caculé. CAVALEIRO 2
O maravilhoso... *(Acento musical)*

CAVALEIRO 1

Fenômeno de público! O teatro gaiato, fabuloso, peralta... CAVALEIRO 2
O prodígio da ribalta... *(Com o Cavaleiro 1) O Teatro do Buraco do Céu orgulhosamente apresenta... (Acento musical; falam juntos e param num gesto)*

TODOS

No fundo do buraco do mundo. *(A música cessa)*

CAVALEIRO 1

(Alto)

Estripulia teatral em dois atos, uma chegada e uma festa de São João. RAPSODA
Entre o céu e a terra! Uma patacoada teatral em dois atos e uma chegada! *(Acento musical)*

A Rapsoda toca viola e canta o cururu LÁ NO CÉU, moda de viola. Os atores/atrizes montam um varal no fundo, estendem um grande lençol azul claro, colocam panos azuis e brancos nas laterais e espalham caixotes pelo palco. No fundo, atrás do lençol, há um buraco de tatu, um grande pano marrom, enrolado em círculo, como um montinho de terra no chão, ainda não visível ao público, usado no primeiro ato. A Rapsoda canta sozinha os versos e todos bisam cada verso cantado.

Oi lá no céu tem cravo! Oi lá no céu tem rosa! Oi lá no céu tem canto!
Oi lá no céu tem prosa! *(Bis)*

Lá vai a lua sorrindo, Lá vai a lua formosa,
Com três estrelas do lado. A do meio diz a todo mundo
Que a lua é minha namorada. *(Bis)*

Vem lua, lua, vem lua encantada, Vem lua, lua, vem lua platinada, Farei com o seu
coração
Uma canção, brincos e anéis de prata. *(Bis)*

Lá vai a Onça Preta subindo pro céu E a lua cobre a noite com o seu véu. Céu sem fim,
noite calma.
Valei-me Estrela Dalva! *(Bis)*

Os Cavaleiros 1 e 2 e a Rapsoda falam ao público na vibração da música instrumental.

RAPSODA

Muito antigamente, as mulheres e os homens viviam no céu, no sem fim além das
estrelas. Lá havia todo tipo de comida que os homens desejavam.

CAVALEIRO 1

Milho, cupuaçu, banana, açaí, jabuticaba, inhame, caqui, goiaba, melão, coco, mandioca, feijão, tapioca, mamão.

CAVALEIRO 2

Caça de todo tipo. No sem fim do céu havia comida para todo mundo.

RAPSODA

Imaginem qualquer fruta, semente, folha, raiz, flor, lá havia. Pois pensem o que quiser, havia lá.

CAVALEIRO 1

Contam que foi uma vez...

CAVALEIRO 2

No sem fim do azul do céu...

RAPSODA

Um caçador... Um tatu...

(A música cresce; todos dançam e falam entre eles e para o público, um de cada vez; depois juntos)

TODOS

(Em tempos diferentes)

Era uma vez... Diz que foi uma vez... Um dia... Lá no céu... No fundo do buraco do mundo... O caçador... O tatu...

Os Cavaleiros 1 e 2 cessam a música com três apitos longos e três batidas com as lanças no chão, apitos e batidas ao mesmo tempo e pausadamente, como o “bastão de Molière”, anunciando o início da peça. Volta a ciranda TEATRO DO BURACO DO CÉU, os músicos saem tocando e cantando e ficam no tablado na lateral do palco, onde fazem as intervenções sonoras vocais e instrumentais. Os Cavaleiros e Amazonas saem dançando e cantando num bloco compacto.

O Teatro do Buraco do Céu

Abre a roda, bate palma e gira, Conta histórias do mundaréu,
Bate o pé, dá umbigada e toca a lira! *(bis)*

Hoje tem coco, xote, maxixe e baião, Tem cururu, martelo, jongo, tem catira! Entra na roda e canta samba-canção,
Tem viola e batuque pro Curupira! *(bis)*

As luzes fecham aos poucos. A cantoria some na coxia, a música continua, instrumental, e faz a passagem do prólogo para o primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

A ciranda instrumental some à medida que as luzes azuis se espalham no céu/palco; semiescuridão em azul. Começa o “tambor-de-crioula” CAÇADOR, cantado e tocado pelos músicos. Entra o CAÇADOR, com uma lanterna, lança, arco, flecha, um facão, uma corda grossa no ombro, um cantil e um embornal com comida e ferramentas, à procura do buraco do tatu no fundo do palco.

Lá no mato tem caçador, Corre onça, paca, cotia,
Saíam da mira, da pontaria, O caçador chegou! *(Bis)*

Na mata do céu tem tatu, Tatu é bicho fuçador.
Que fugiu do caçador,
Tá lá no fundo do buraco do mundo. *(Bis)*

Na mata do céu tem capivara, Onça, sagui, jacaré, jabuti,
Macaco, lagarto e arara.
Lá vem caçador, corre quati. *(Bis) (A música continua, instrumental)*

CAÇADOR

(Joga a luz da lanterna no lençol e aparece a sombra do buraco)
Achei o buraco do tatu. Vou cavar fundo para ver a fuça dele. *(Põe a lanterna de um jeito que apareça a sombra do buraco no lençol, vai para trás do lençol e aparece a sua sombra cavando com as mãos e uma pá pequena; cava mais; agitado)* Cadê você, tatu? Aparece, bicho fuçador. Põe o focinho no buraco. *(Cava rápido)* Ih, vai dar uma trabalheira. Quanto mais cavo o buraco mais o tatu se esconde. *(Cava mais rápido)* Vamos, põe o focinho no buraco. *(para de cavar; sai detrás do lençol)* O bicho fuçador não sai do buraco hoje. *(As luzes fecham um pouco, anoitece; fica a luz da lanterna com a sombra do buraco no lençol)* Já cavei o dia inteiro e não achei o tatu. *(Senta e descansa; os músicos cantam)*
Lá no mato tem caçador. Corre onça, paca, cotia,
Saíam da mira, da pontaria, O caçador chegou! *(Bis)*

Tem tatu na mata do céu, Tatu é bicho fuçador,
Que fugiu do caçador.
Tá lá no fundo do buraco do mundo. *(Bis)*

A música continua, instrumental. Aparece no lençol a sombra do TATU GIGANTE saindo do buraco, devagar. A música cresce e uma guitarra pesada entra na pulsação do “tambor-de-crioula”, em solos furiosos. À medida que a sombra do tatu sai do

buraco, começa um vento muito forte, feito pelos músicos com apitos, flautas, junto com a música. O tatu sai detrás do lençol, as luzes abrem e fecham sobre ele, que anda pelo palco como uma assombração. O caçador vê o bicho e se esconde. O tatu e o caçador se movimentam com dificuldades por causa do vento forte e quando falam, a música pulsa baixinha como suporte das falas.

TATU

(Voz grossa e misteriosa)

Não tem coragem de aparecer, caçador? Com sua vontade de me caçar e comer minha carne você cavou tanto o buraco que furou o céu.

CAÇADOR

(Aparece, seguro pela corda amarrada na coxa, assustado)

Furei o céu?

TATU

Furou e agora o vento forte vai me fazer despencar do céu... *(Rodopia, gira e se movimenta pelo palco como se o vento o dominasse; as luzes abrem e fecham; o vento aumenta)* Não aguento o vento saindo do buraco do céu. Quem mandou cavar tanto o buraco?

CAÇADOR

Não sabia que ia furar o céu. *(O vento aumenta; a música cresce; as luzes abrem e fecham)*

TATU

(Interrompe)

O vento me puxa pro buraco do céu... Me salva, caçador... *(Rodopia)* Eu vou cair do buraco do céu...

CAÇADOR

Vou jogar uma corda. *(O vento aumenta)*

TATU

(Gira desorientado; as luzes piscam)

O vento me puxa... Não sei pra onde vou se cair do buraco do céu. *(Vai para trás do lençol; a luz projeta a sua sombra; grita)* Vou cair... *(Cai no buraco do céu, gritando; sua voz e sua sombra somem)*

O vento forte e a música cessam no mesmo instante em que o tatu some no buraco. O caçador vai para trás do lençol e sua sombra aparece abaixado diante do buraco. Silêncio. A luz das sombras some. O caçador se desamarra da corda, retira o lençol e aparece o buraco do tatu, o pano marrom enrolado em círculo, como um montinho de terra. As luzes abrem sobre ele.

CAÇADOR

Que ventania! Como furei o céu? *(Olha pelo buraco, curioso)* O tatu caiu na terra. *(Agitado)* Numa floresta de pau-brasil. Tem bicho correndo e um rio grande, um rio mar. *(Olha pelo buraco, inquieto)* Onde vai o rio mar? Olha os bichos e os pássaros no rio mar. *(Sussurra triste, olhando pelo buraco)* Ai, me deu uma dor no peito, uma coisa estranha que nunca senti. Um nó na garganta, um troço esquisito no coração. Por que sinto essa coisa estranha quando olho a terra pelo buraco do céu?

Entram JONAS, ELIAS e ANTÔNIO, lavradores, e olham de longe o caçador falando sozinho diante do buraco.

JONAS

(Surpreso)

Mas o que é que o compadre conversa com o buraco do tatu?

ELIAS

(Ri)

Está falando com a tatuzada? ANTÔNIO

Ou será que a conversa é com as formigas? *(Riem e brincam)*

CAÇADOR

Eu fiz um buraco no céu! ELIAS

O quê? Buraco no céu?

CAÇADOR

Cavei demais o buraco do tatu e furei o céu. Perfurei o azul do céu e o vento levou o tatu pelo buraco. Olhem, venham ver o que tem lá embaixo na terra. *(Os outros se aproximam e olham pelo buraco, curiosos)*

JONAS

Um rio grande.

ANTÔNIO

Mata de pau-brasil.

ELIAS

Quanto bicho!

JONAS

(Agitado)

Mas como é que o compadre furou o céu? ANTÔNIO

Deve ter cavado muitos dias. ELIAS

Fez isso sozinho?

CAÇADOR

Cavei sozinho e quando parei para descansar, apareceu o tatu gigante... ANTÔNIO

(Interrompe e zomba)

Tatu gigante?

JONAS

(Ri, surpreso)

Ai, meu Deus, o que é isso?

ELIAS

Conheço tatu, mas “tatu gigante”? Nunca vi. *(Aos outros)* Ei, compadre Antônio e Jonas, já viram tatu gigante por essas bandas? *(Riem e zombam)*

ANTÔNIO

O que, Elias?

JONAS

“Tatu gigante”?

ELIAS

É, caçador, você anda muito pela mata e deve ver todo tipo de bicho. ANTÔNIO

Ficar na mata muito tempo...

ELIAS

Não era um “tatumanduá”, mistura de tatu com tamanduá? *(Riem muito)*

ANTÔNIO

Será que não era um “taturirinha”, meio tatu, meio ariranha? *(Riem mais)*

JONAS

Vai ver era um “tatuelho”. Ou um tatumiga. *(Riem muito)*

ELIAS

Ai, ai, ai, caçador, um “tatu gigante”. *(Ri mais com os outros)*

CAÇADOR

Não acreditam que vi o tatu gigante? ELIAS

Não é que não acreditamos, caçador.

JONAS

É esquisito aparecer um “tatu gigante” assim, sem mais nem menos.

ANTÔNIO

Do nada surgir um “tatu gigante”. Como pode isso?

CAÇADOR

Do buraco... Quando ele apareceu começou um vento forte que quase me levou pelo buraco. Daí, segurei na minha corda e o vento levou o tatu gigante pelo buraco do céu e ele caiu na terra.

JONAS

Ah, então o vento levou o tatu gigante? *(Ri)*

ANTÔNIO

(Incrédulo)

Um “tatu gigante” passou por esse buraquinho?

ELIAS

Como o vento conseguiu levar um tatu gigante como você diz?

ANTÔNIO

Um tatuzinho nesse buraco passa, mas tatu gigante, isso eu duvi de ó dó. *(Riem)*

ELIAS

Nunca vi vento tão forte assim para levar um tatu e ainda por cima “gigante”.

JONAS

(Olha pelo buraco)

Cadê o tatu gigante lá na terra? Daqui só vejo rios, matas e bichos. Se o tatu é gigante dá para ver daqui de cima, não dá? *(Os outros olham e riem)*

CAÇADOR

(Impaciente)

Olha, Antônio, Elias e Jonas, o assunto é sério. Eu conto tudo se não zombarem de mim. Já vi tudo na mata. Não desacreditem nas forças da natureza. *(Sério)* O homem que não conhece os bichos do lugar que vive não conhece nada da vida e do perigo. Quem já viu à noite fâisca saltando dos olhos de onça e de fera brava e faminta de frente, olho no olho, sabe o que falo. Se digo que vi o tatu gigante ser levado pelo vento forte e sumir pelo buraco e cair na terra é porque vi. Não conto mentira. Conto tudo se prometem que não vão mais rir e zombar do que eu disser.

ANTÔNIO

Então conta logo e pronto. ELIAS

E a gente promete não zombar. JONAS

Mas conta tudo tintim por tintim, caçador, pra gente não perder nada. CAÇADOR

(Conta e gesticula)

Foi tudo assim. Eu estava caçando e vinha atrás do tatu que entrou no buraco. Daí, eu cavava e o tatu sumia, eu cavava e o tatu sumia. Aí, então, cavei tanto o buraco do tatu que furei o céu. De repente saiu do buraco um tatu gigante, dessa altura, e começou um vento forte saindo do buraco que levou o tatuzão pelo buraco e ele caiu na terra. *(Silêncio)*

Aí o vento parou, o tatu caiu na floresta de pau-brasil na terra. Quando fui olhar o buraco para ver a terra, deu uma

tristeza, uma angústia, uma coisa no coração, um nó na garganta que não sei explicar.

ANTÔNIO

Não era vertigem?

ELIAS

O caçador não ficou tonto olhando pelo buraco nas alturas?

JONAS

Não turvou a vista?

CAÇADOR

Não turvei a vista. Não era vertigem. Não tenho medo de altura. Vivo na mata há muito tempo e nunca senti uma coisa assim.

ANTÔNIO

Então o tatu gigante caiu na terra?

CAÇADOR

A força do vento saindo do buraco sugou o tatu. Não me pergunte como um tatu tão grande conseguiu passar por um buraco pequeno desses e cair na terra. Mas isso é fato, não é fita. Podem acreditar. Que o tatu gigante passou pelo buraco passou. Isso eu vi com esses olhos que já viram muita coisa misteriosa nesse mundão da mata, no sem fim desse céu. Já vi Onça-malhada, Cobra Grande, o Carão. E agora acabei de ver um tatu gigante levado pelo vento, que caiu na terra pelo buraco que eu fiz no céu...

ELIAS

Como deve ser viver na terra? *(Olha pelo buraco; se juntam e olham mais)*

JONAS

Lá deve ter fartura de comida... Eu queria ir pra terra.

ANTÔNIO

Deixa ver... *(Olha o buraco, fica tonto)* Ai, que tontura... Prefiro ficar no céu mesmo.

CAÇADOR

Agora acreditam. Tem coisas no céu que a gente nem imagina. E na terra? Entre o céu e a terra o que pode haver? Vimos o que há na terra, mas como ir até lá?

ANTÔNIO

Ir até lá? Aqui no céu nós temos tudo e olhem a distância, a lonjura que é a terra. Só de olhar a altura já sinto enjoo e vertigem. Não saio do céu e pronto.

ELIAS

Pois eu quero ir pra terra. Precisamos pensar num jeito de chegar lá.

JONAS

Eu ainda não sei. A distância é grande. E as crianças e as mulheres?

CAÇADOR

Elias tem razão. Precisamos pensar como ir até lá. Vamos chamar todo mundo e conversar sobre o assunto. *(Olha pelo buraco; pensativo)* Lá deve ter muitos frutos. *(Silêncio; os quatro olham curiosos pelo buraco; sussurra)* Mas como chegar lá?

Começa o maracatu ENTRE O CÉU E A TERRA, instrumental e vocal, com tambores,

chocalhos e agogô. Os homens ficam imóveis olhando a terra pelo buraco, admirados. Foliões do maracatu, embaixadores (um traz o pavilhão), damas, reis, rainhas, príncipes, princesas, a Dama do Paço (traz o calunga, boneca) e “caboclos de lança”, com chapéus-de-sol adornados de franjas e espelhos, entram dançando em bloco, cantando em coro em resposta ao MESTRE “tirador de loas” e abrem uma roda em volta do buraco. O caçador e os outros continuam imóveis olhando pelo buraco, enquanto os foliões cantam e dançam. Há um jogo de cortes e passagens de luz: as luzes abrem nos foliões e fecham um pouco sobre o caçador e os outros.

MESTRE

(Buzina e canta sozinho)

O céu é a nossa terra, Aqui não falta comida. Por quê fazer uma guerra
E ver a gente dividida? *(Bis)*

Do céu não vamos descer, Na terra não vamos viver! - Caboclada!

Mas lá tem mata de pau-brasil, De lá se vê o nosso céu azul anil, Vamos embora pra terra
agora!

- Caboclada! *(Bis)*

Alê, alê, alê,

Calunga do céu,

Entre o céu e a terra,

O que há de ser, êh êh? *(Bis)*

Léu, léu, léu,

Calunga da terra,

Entre a terra e o céu,

O que há de ser, léu, léu? *(Bis)*

O Mestre apita três vezes, a música e a dança cessam, de forma sincronizada, e os foliões do maracatu param num gesto e fixam uma imagem. Apenas o caçador, Jonas, Elias e Antônio se movimentam agora e conversam olhando a terra pelo buraco. Jogo de corte e passagem de luzes, que abrem sobre eles e fecham um pouco nos foliões parados.

JONAS

Como chegar até a terra? Se o caçador disse que o vento levou o tatu gigante, então vamos esperar outro vento forte e deixar que nos leve pra lá.

ELIAS

Mas aí a gente morre se cair de uma altura tão grande. O tatu tem couro forte que protege e nós? De que maneira descer pelo buraco do céu até lá?

ANTÔNIO

E as crianças e as mulheres? Do vento forte ninguém escapa.

O Mestre buzina, o maracatu volta e os foliões cantam e evoluem. O caçador e os outros agora ficam imóveis, abaixados e olhando o buraco, enquanto os outros cantam e dançam. Jogo de cortes e passagem de luzes, que abrem sobre os foliões e fecham um pouco sobre os outros.

MESTRE

(Buzina e canta sozinho)

Alê, alê, alê,

Calunga do céu,

Entre o céu e a terra,

O que há de ser, alê, alê? *(Bis)*

Depois do bis, o Mestre buzina, a música cessa e os foliões param num gesto. O caçador, Jonas, Elias e Antônio retomam os movimentos e falas. As luzes abrem sobre eles.

CAÇADOR
(Decidido)

Vamos juntar todos os fios de algodão, cordas, colares, lenços, braceletes, cintos, varais, as cordas dos arcos e fazer uma corda forte e grande.

ANTÔNIO
(Contrariado)

Mas nem todo mundo quer ir pra terra. Minha família é grande e como vou levar todo mundo pra lá?

CAÇADOR
Só vai pra terra quem quiser.

JONAS
Cada um decide se quer ir ou não.

ELIAS
Antônio tem razão. Pra ele é difícil deixar o céu com a família. Ele aqui tem comida.

ANTÔNIO
Isso não quer dizer que não vou ajudar quem quiser ir. O jeito é fazer como o caçador falou, juntar todas as cordas, fios e fitas e fazer uma corda bem grande para descer até a terra. Eu não vou, mas ajudo a fazer a corda.

CAÇADOR
Então todo mundo vai pra casa e recolhe tudo que é fio, corda, barbante e traz pra gente amarrar e fazer a corda. Quem quiser desce pra terra, quem não quiser fica no céu. (O Mestre buzina, o maracatu volta, os foliões cantam e dançam; Jonas, Elias, Antônio e o caçador se misturam à folia)
Léu, léu, léu,
Calunga da terra,
Entre a terra e o céu,
O que há de ser, léu, léu? (Bis)

Todos saem cantando e dançando o maracatu. As luzes fecham aos poucos. A música continua, instrumental, e faz a passagem do primeiro para o segundo ato.

SEGUNDO ATO

As luzes abrem e anunciam a manhã. Entram a FORMIGA e o TATU-BOLA, desenrolam o pano marrom, o transformam num grande túnel/buraco e seguram a boca do túnel na frente do palco, da boca de cena para o fundo do palco, de modo que os espectadores se sintam na entrada do buraco e vejam o fundo. Entram o caçador, Antônio, Elias e Jonas, lentamente, como numa procissão, segurando uma grossa e grande corda, como a corda do Círio de Nazaré paraense, seguidos pelo jovem MAIRUM, homens e mulheres com os filhos (bonecos) às costas, trouxas e objetos. Todos se movimentam na pulsação do

maracatu instrumental. A corda não tem fim e está apoiada na coxa. O caçador para na boca do buraco com a ponta da corda. A música some. A formiga e o tatu-bola ficam imóveis segurando a boca do túnel.

CAÇADOR

É hora de descer pra terra. Eu levo a ponta da corda lá no fundo do buraco e depois vocês descem um de cada vez.

ELIAS

Cada um segura bem a corda para não cair. JONAS

É bom não desgrudar da corda até tocar o pé no chão lá na terra. ANTÔNIO

(Triste)

Fico por aqui e ajudo na descida. Oxalá vocês consigam chegar lá na terra e viver bem. *(olha o fundo do túnel)* Sinto vertigem só de olhar a altura.

CAÇADOR

(Decidido)

Então eu desço primeiro e depois vocês descem. Quando chegar lá, balanço a corda pra dizer que está tudo bem e aí podem descer.

Começa o xote PÉ NO CHÃO, instrumental, em ritmo lento. O caçador entra devagar no túnel levando a ponta da corda. Uma luz abre no fim do túnel e o caçador some no fundo. A espera pelo sinal do caçador tem uma dinâmica, um jogo cênico entre a música e as ações, para simular a passagem do tempo, em que os atores ora se movimentam, na pulsação da música, ora ficam parados. Depois de um tempo nessa dinâmica, o caçador volta, afobado, a música acaba e todos ficam em alvoroço.

CAÇADOR

(Ofegante)

Não consegui saltar nem tocar o pé no chão da terra. A altura para saltar é grande. A corda é pequena e precisamos de uma emenda. *(Alvoroço e confusão)*

JONAS

E agora?

ELIAS

A corda não deu...

ANTÔNIO

(Interrompe)

Melhor assim. Aí todo mundo fica no céu e pronto.

JONAS

O quê?

ELIAS

(Indignado)

Isso não!

Os atores cruzam os braços, interrompem a história, desconstroem os personagens, param o espetáculo e sentam na boca de cena. Escuridão no palco, acendem as luzes da plateia.

ATOR/CAÇADOR

A história ficou sem saída.

ATOR/ANTÔNIO

É, acaba assim. Todos continuam a viver no céu para sempre.

ATOR/ELIAS

Assim foi, assim é e assim sempre será.

ATOR/JONAS

Viver no sem fim do azul do céu até o fim da vida. *(Silêncio e tensão)*

ATOR/FORMIGA

(Ao público)

E a história acaba assim.

ATOR/TATU-BOLA

A vida continua no céu. *(Silêncio)*

ATOR/ELIAS

Quem não gostou pode pegar o dinheiro de volta na bilheteria. *(Mais silêncio; tensão entre os atores e o público)*

ATOR/JONAS

Acabou a peça. *(Silêncio e tensão)*

ATOR/ANTÔNIO

(Sério, ao público)

Ninguém acredita que acabou a história? Acabou mesmo e peguem seu dinheiro na saída.

ATOR/CAÇADOR

Muito obrigado pela presença e até breve.

ATOR/ELIAS

(Levanta)

Eu vou pro camarim. *(Todos levantam e saem; tensão no público)*

ATOR/MAIRUM

(Animado)

Se a corda é pequena, então vamos juntar todos os fios, lenços, panos e barbantes.
(Distribui cordas, barbantes e fitas coloridas ao público)

ATOR/FORMIGA

É isso! Juntamos todas as fitas, lenços...

ATOR/TATU-BOLA

Cada um do público amarra ou tece a sua fita e a sua corda com quem está ao lado ou atrás ou na sua frente.

ATOR/ELIAS

(Feliz)

Pode juntar dando um laço ou um ponto ou um nó...

ATOR/JONAS

Quanto mais forte e grande a corda ficar, melhor.

ATOR/MAIRUM

(Eufórico)

Todo mundo ajuda a fazer uma corda até tocar o chão da terra. ATOR/CAÇADOR

E aí amarramos na ponta da corda grande.

Começa o samba-de-roda FIO TERRA, tocado pelos músicos e alguns atores com colheres, facas, pratos, frigideiras, surdo, cuíca e cavaquinho, enquanto os atores começam o jogo poético musical de participação e interação do público. As fitas juntadas pelo público são amarradas à ponta da corda grande no palco, de modo que as cordas dos espectadores fiquem sobre suas cabeças ou entre eles, espalhadas pela plateia. Enquanto juntam e tecem as cordas, todos cantam o samba-de-roda e brincam com a batucada.

Do céu para a terra tem um fio,

Do céu para a terra tem um caminho. Na terra tem mar, tem rio,

Tem luar, tem bicho mansinho, Tem onça-pintada e bicho arredio

Tem corrupção e pio de passarinho. *(Bis)*

Depois que as fitas foram tecidas e amarradas à corda grande, os atores retomam seus personagens e lugares na história. A luz da plateia fecha e abrem as luzes no palco. O samba cessa. O caçador pega a ponta da corda com as fitas, barbantes e cordas coloridas do público. Volta o xote PÉ NO CHÃO, instrumental.

CAÇADOR

(Feliz; fala na pulsação do xote)

A corda agora vai dar direitinho para tocar o chão da terra. Quando chegar lá, dou um sinal balançando a corda. Tem que sustentar todos na descida.

Abre a luz no fim do túnel/buraco. O caçador entra no túnel com a corda lentamente e some no fundo. Todos esperam o sinal, da mesma forma que na primeira descida do caçador, simulando a passagem de tempo numa coreografia dinâmica entre a música e os movimentos dos atores. Quando a música toca, eles se movimentam, no ritmo do xote, sincronizados, como numa coreografia, e quando o xote para, os atores param num gesto. Depois das paradas e breques da música, a corda balança, o caçador retorna, todos se alvoroçam e a música cessa.

CAÇADOR

(Cansado)

Amarrei a corda no tronco de um enorme carvalho. *(Senta e descansa; todos ficam em volta dele)* A descida é fácil e o problema é encontrar com os bichos da terra quanto tocar o chão. Tem que olhar pros dois lados e correr pelos campos até encontrar um abrigo.

JONAS

Podemos descer um a um...

ELIAS

Resistindo às alturas.

MAIRUM

(Um menino)

Primeiro vão as mulheres...

CAÇADOR

(Interrompe)

Não. Primeiro vão os mais jovens e fortes como você, Mairum, e depois descem as mulheres com seus filhos às costas.

JONAS

O menino está certo. Primeiro descem as mulheres com as crianças...

ELIAS

E quando chegar lá na terra?

ANTÔNIO

O caçador tem razão no que diz. Primeiro descem os mais jovens para ver os campos, saber o lugar onde estão e proteger as mulheres e as crianças.

CAÇADOR

As mulheres com seus filhos descem entre um jovem e outro. Ninguém sabe o que pode encontrar quando chegar ao chão. É pisar na terra e correr pelos campos e matas até se encontrar protegido das feras.

ELIAS

E se for uma onça-pintada?

JONAS

Ou um jacaré?

ANTÔNIO

Eu vou ficar aqui no céu e ajudo a descida.

CAÇADOR

Depois dos jovens, mulheres e crianças, vão os homens e, por último, os mais velhos.
(Começa a moda de viola PARTIDA, cantada por todos enquanto se despedem)

O povo do céu acaba de descobrir Uma palavra com cinco letras,
Que traz em si mesma um sentimento profundo. É quando a gente ri e chora, chora e ri,
Porque é a hora de alguém querido partir Para algum canto do mundo. *(Bis)*

É um A de Amizade, É um D de Destino,
É um E de Eternidade, É um U do Único,
É um S de Saudade. *(Bis)*

É um A de Amor, É um D de Dom, É um E de Eu,
É um U de Um.
É um S de Seu. *(Bis)*

CAÇADOR

(Fala baixinho, triste)

É esse o sentimento que tive quando olhei pelo buraco e vi a terra lá embaixo pela primeira vez. *(Fala, na pulsação da viola)*
Acabo de descobrir

Uma palavra com cinco letras,
Que traz em si mesma um sentimento profundo. Quando a gente ri e chora, chora e ri,
Porque é a hora de alguém querido partir Para algum canto do mundo.

Todos cantam o verso falado pelo caçador. Elias, Jonas, o caçador, Elias, Jonas, Mairum, os homens e as mulheres com as crianças se despedem de Antônio e dos que ficam no céu, seguram a corda e entram no buraco. Os que ficam no céu saem, os que vão para a terra somem no fundo do túnel. Semiescuridão. A moda de viola continua, instrumental. Entram anjos vestidos de branco, com estrelas reluzentes, pontos luminosos e brilhos nas roupas, fazem a mudança de cenário, retiram o túnel, os panos azuis e brancos do céu e transformam o palco numa mata tropical, com panos em tons verdes nas laterais e no fundo. Desce uma corda até o chão, no centro. Os anjos saem e as luzes abrem alegres na mata. A música some misturando-se aos pios, uivos e sons da mata. O caçador, Jonas, Elias, Mairum, os homens e as mulheres chegam à mata entrando no palco como quem cai da corda, aos tropeções, com saltos e cambalhotas. Ouve-se o rugido de uma fera. Começa o ijexá MAPINGUARI, com atabaques, instrumental.

MAIRUM

(Assustado)

Caçador, eu vou correndo com as mulheres e as crianças para algum abrigo na mata.
(Ameaça correr)

CAÇADOR

Espera. *(Ouve atento; outro rugido)* Silêncio. *(Pausa; mais um rugido; aponta)* Vem de lá o rugido da fera. Vai correndo pelo outro lado e se esconde em algum abrigo com as mulheres. Nós ficamos aqui. *(Rugido mais forte)*

Mairum e as mulheres saem correndo. Entra o monstro amazônico MAPINGUARI, macacão peludo agigantado (ator/atriz com perna de pau), coberto com cabelos negros como um manto, menos no umbigo. Com as unhas em garra e os pés tortos, traz um homem/boneco embaixo do braço, do qual come a cabeça. Quando ele morde a cabeça saem sangue, miolos, massa encefálica, etc., feitas com líquidos e materiais especiais, como efeitos para causar repulsa. O tambor-onça e a cuíca fazem os rugidos do bicho, na pulsação do ijexá. O caçador, Jonas e Elias se juntam e se escondem num canto.

MAPINGUARI

(Grita)

Eu mato gente pra comer. *(Ruge; abocanha as orelhas do boneco)*

CAÇADOR

(Escondido; sussurra aos outros) É um monstro da mata da terra.

ELIAS

(Com medo)

A fera tem o corpo todo cabeludo.

JONAS

Parece o Curupira.

ELIAS

O Caapora...

MAPINGUARI

(Alto e ameaçador)

Quem sussurra por aqui? (*Vê a ponta da corda*) De onde vem essa corda? (*Ruge; os atabaques crescem*)

CAÇADOR

(*Aparece*)

Vem do céu. (*Jonas e Elias aparecem*) Nós viemos do céu nessa corda. MAPINGUARI Vieram do céu? (*Olha o caçador e cheira-o de longe*) Sinto seu cheiro de caçador. Lá no céu não sabem que aqui na terra Mapinguari gosta de comer os olhos, a língua e os miolos da cabeça dos caçadores? (*Ruge; os atabaques crescem*)

CAÇADOR

(*Assustado*)

É assim aqui na terra?

MAPINGUARI

É assim aqui na mata tropical e quando Mapinguari sente cheiro de caçador a fome aumenta. Nunca comi cabeça de caçador do céu. (*A música cresce; grita, arranca numa dentada e come um dos olhos do homem/boneco*)

JONAS

(*Com medo*)

É melhor fugir. Ai, a fera quer comer as nossas cabeças. ELIAS

(*Tremendo*)

Não quero ficar sem os olhos. Não é melhor voltar pro céu? (*Se junta com Jonas num canto, onde ficam encolhidos e assustados*)

CAÇADOR

(*Rodeia o bicho*)

Mapinguari, não sou como o caçador da terra. MAPINGUARI

(*Ruge e rosna, irritado*)

Caçador de nenhum lugar do mundo me desafia. (*Abocanha o outro olho do homem/boneco*)

CAÇADOR

É porque eles não sabem...

MAPINGUARI

(*Interrompe e ameaça, furioso*)

Chega de prosa, homem que veio do céu. (*Tenta pegá-lo*) Não vai conseguir fugir das minhas garras por muito tempo. (*Pega a ponta da corda e sacode*) Vou puxar a corda pra não descer mais ninguém do céu. (*Ri alto e ruge; os atabaques crescem; entram caindo da corda no chão alguns homens, tropeçando, veem a fera e correm mata adentro; sacode mais e cai mais um homem, que corre; sacode mais ainda e a corda cai*) Pronto. Quem não desceu do céu não desce mais. (*Arranca e come o nariz do homem/boneco*) É só sentir cheiro de caçador que fico com muita fome.

CAÇADOR

(*Põe uma flecha no arco*)

Chega de maldade, Mapinguari. Você tem os pés iguais aos do Curupira e é igual aos outros monstros. Lá no céu também tem feras e monstros. Atiro uma flecha no seu umbigo e você morre. Nem bala nem flecha te matam, porque os cabelos te protegem, mas se acerto no seu umbigo sem cabelo... (*Cerca o monstro, com a flecha no arco; mira o umbigo dele*) Se te acerto no umbigo... (*Os dois começam um jogo, uma dança dramática de ataque e defesa entre a caça e o caçador, com movimentos sincronizados, na pulsação do ijexá*)

MAPINGUARI

(Morde e come a língua do boneco)

Nem na terra nem no céu tem alguém que acerta meu umbigo. *(Ri alto)* Minha fome aumenta só de sentir seu cheiro, caçador do céu.

CAÇADOR

(Mira o umbigo dele)

Já disse que te mato se te acerto no umbigo.

MAPINGUARI

(Come a língua do homem/boneco)

Vou comer essa língua de caçador que fala muito. *(Provoca o caçador)* Atira a flecha! Vamos, caçador, atira!

CAÇADOR

(Vacila)

Eu não quero... Mas preciso te matar, Mapinguari, pra que não mate e não coma mais ninguém.

MAPINGUARI

Matar? *(Grita, alucinado)* Ai, a fome é que me mata! Preciso matar a fome antes que ela me mate. *(Delira)* A língua de um caçador do céu que fala muito deve ser deliciosa... Nunca comi nem olho, nem língua e nem orelha de caçador do céu. *(Ruge e come um antebraço do homem/boneco)*

CAÇADOR

Nunca vai comer.

Atira a flecha em direção ao umbigo do monstro, mas a fera se protege colocando o homem/boneco na frente do umbigo. A flecha finca no boneco e o monstro cerca o caçador.

MAPINGUARI

(Furioso)

O caçador do céu vai ver como é a mordida do Mapinguari da terra! Eu quero essa língua...

A música cresce, o monstro urra e grita, pega o caçador pelo braço, segura a sua cabeça e quando vai dar uma dentada e comer os olhos do caçador, Jonas e Elias atacam a fera pelos lados com facões. A luta com o monstro é uma dança dramática, na pulsação do ijexá. O bicho é ferido pelos facões de Elias e Jonas, fica aturdido e foge urrando e levando o homem/boneco. Jonas e Elias acodem o caçador e a música cessa.

JONAS

Ainda bem que conseguimos espantar o bicho.

ELIAS

Meu amigo caçador, essa foi por muito pouco.

CAÇADOR

(Refaz-se)

Por pouco mesmo eu fico sem os olhos.

JONAS

E depois ia ficar sem a língua e sem a cabeça.

ELIAS

Que bicho feroz! Fiquei com um medo danado de morrer.

CAÇADOR

Quase acertei o umbigo dele. *(Silêncio)*

JONAS

É verdade esse negócio de o bicho ser protegido das flechas pelos cabelos?

ELIAS

Ou é conversa de caçador? *(Ri e brinca)* É fato ou é fita de caçador?

CAÇADOR

Vocês não viram como ele não tem pelos no umbigo? É o único lugar vulnerável dele. O bicho protegeu o umbigo com o corpo do homem. Lá vem vocês novamente não acreditando no que digo. Foi assim com o buraco do tatu e agora com o umbigo do Mapinguari. Eu disse que tinha furado o buraco do céu e aqui estamos na terra. O que faço pra acreditarem em mim?

JONAS

Não precisa fazer nada, caçador.

ELIAS

Você estava certo em tudo que falou.

JONAS

Estamos só brincando contigo.

(Todos riem, aliviados)

CAÇADOR

Ainda não vimos homens nem mulheres e nem crianças na terra.

ELIAS

Será que aqui só tem feras e monstros?

JONAS

De que adianta essa mata tão esplendorosa e cheia de frutos se aqui só tem monstros?

CAÇADOR

Lá do céu eu só vi os bichos e o rio mar.

ELIAS

(Triste)

Se não tiver gente aqui na terra, acho bom voltar logo pro céu. *(Entram Mairum e as mulheres com as crianças no colo, ofegantes)*

MAIRUM

(Cansado)

Não aguento mais correr pela mata sem encontrar abrigo. *(Senta e toma fôlego)* Não vi uma alma viva nesse matão sem fim.

MAÍRA

(Senta, com o bebê no colo)

Nem barulho de vozes ou alguém de carne e osso.

YANDARA

Só ronco e urro de bicho.

MAÍRA

Mas nunca vi tanta fruta caindo das árvores.

YANDARA

E tanto alimento brotando do chão.

MAIRUM

Para qualquer lugar que se olhe na mata tem fartura de comida.

MAÍRA

Vontade de viver aqui... Mas não sei se existe gente.

YANDARA

Até agora não vimos nenhum bicho. Só ouvimos os rugidos e os roncos das feras da mata.

MAÍRA

Ver bicho não vimos, mas às vezes sinto que tem uns olhos me vigiando, escondidos na mata.

YANDARA

Pelo rugido das feras já dá para imaginar como elas são. Ai, que medo...

MAÍRA

Se aparecesse uma fera eu não sei o que seria das crianças.

CAÇADOR

Ainda bem que não viram o Mapinguari. *(Acento musical, misterioso)*

MAÍRA

Então vocês viram uma fera?

YANDARA

Um monstro da mata?

ELIAS

Vimos e assustamos, mas o “macacão cabeludo” derrubou a corda. *(Pega e mostra a corda no chão)*

MAÍRA

“Macacão cabeludo”?

YANDARA

Derrubou a corda?

JONAS

Puxou a corda forte e ela caiu do céu.

ELIAS

E nem todo mundo conseguiu descer do céu.

YANDARA

(Chora, aflita)

Os nossos maridos ficaram no céu?

CAÇADOR

Não sabemos quem desceu.

ELIAS

Uns correram pra mata.

JONAS

Devem estar perdidos.

MAÍRA

O que será de nós sem nossos homens? *(Balança o bebê, chorosa)*

YANDARA

(Chora e acaricia o bebê no colo)

E se ficaram no céu?

JONAS

Se não tiver gente na terra... *(Rugido forte de um bicho)*

CAÇADOR

(Acalmando)

Melhor ficar quieto e esperar.

Silêncio. As luzes fecham lentamente e a mata escurece. Mais um rugido forte. As luzes abrem e fecham como clarões de fogos de artifício na mata escura. O caçador, Elias,

Jonas e Mairum se juntam no meio e fazem uma roda em volta das mulheres com as crianças, protegendo-as. De longe se ouvem sons de cantoria.

CAÇADOR

(Sussurra, feliz)

São vozes de gente cantando.

ELIAS

Isso quer dizer que tem gente na terra.

MAÍRA

São os nossos maridos?

YANDARA

Que bom seria.

MAIRUM

(Admirado)

Olha o fogo clareando o céu da mata.

ELIAS

É fogueira na floresta?

JONAS

Relâmpagos?

MAIRUM

É fogo de festa. *(Os sons da cantoria crescem)*

CAÇADOR

(Murmura)

É música de festa.

Três apitos longos de chamada de bloco de carnaval. Começa a marcha-rancho AMOR DE CARNAVAL. As luzes abrem na mata e os FOLIÕES do “bloco de sujos” (ou “cordão de indígenas”) entra cantando e dançando. No estandarte vermelho e branco de veludo e cetim, com espelhos, franjas, fitas e brilhos dourados e prateados, tem os dizeres: “Bloco Carnavalesco Folia da Terra - Carnaval do Mundo”. A música cessa, os foliões param num gesto, compondo a imagem de uma fotografia de carnaval num álbum de família. O “CLÓVIS”, “bate bola”, com uma bola amarrada num bastão de madeira, comanda os foliões e nas fantasias predominam o vermelho e o branco, com cores nos detalhes. O caçador e os outros observam admirados o bloco na roda no meio do palco. A música volta e o Clóvis e os foliões cantam.

(Refrão) É carnaval na terra,

Tempo de amar e abrir o coração!

É a hora do riso, do amor e da quimera, Quando a mocinha beija o vilão. *(Bis)*

Todo mundo é rei no carnaval,

O mundo gira e a terra dança na brincadeira, Tudo é belo e feio, é o bem e o mal.

No coração da mata tem zunzunzum a noite inteira. *(Bis)*

A marcha-rancho cessa, os foliões param num gesto, compondo outra imagem de fotografia de carnaval. O caçador e os outros vibram, fascinados. Começa o samba de breque DANÇA DA TERRA. O bloco dança e canta e nos breques do samba, os foliões param e fixam imagens. Os foliões cantam o refrão e as partes faladas e cantadas são divididas entre eles.

(Refrão) Oi bate palma, bate pé, na terra tem folia, Tem rio, bicho, sol, chuva e comida, Chão, pó, poeira, poesia e cantoria,

Tem criança na roda dança da vida. *(Bis)*

(Falado) - A estrela da tarde anunciou

Que o povo do céu na terra ia chegar.

(Cantado e tocado) - Traz o cavaco, o surdo, a cuíca e o tambor.

Evoé, povo das estrelas! Vamos dançar! *(Breque)* *(Falado)* - Na terra tem ciranda, chegança e embaixada,

Pastoril, reisado, pajelança e o Rei Momo em fevereiro.

(Cantado e tocado) - Tem congada, jongo, samba e batuque de umbigada.

Tem festa pros santos de janeiro a janeiro. *(Breque)* *(Falado)* - Salve, povo do céu! Hoje tem coco, maxixe e baião,

Samba de caboclo, samba-lenço, samba-de-roda e samba-canção.

(Cantado e tocado) - Tem xote, frevo, marujada e maracatu.

Doce de leite, paçoquinha, cocada, arroz e feijão. Açaí, batata doce, tomate e agrião.

Vou tomar café com pão de queijo e comer biju. *(Breque)* *(Falado)* - Também tem tiquira e cupuaçu,

(Cantado e tocado) - Olha a goiabada, manga rosa, bananada e mamão!

(Refrão) - Oi bate palma, bate pé, na terra tem folia, Tem rio, bicho, sol, chuva e comida, Chão, pó, poeira, poesia e cantoria,

Tem criança na roda dança da vida. *(Bis)*

Os foliões cantam o refrão, o Clóvis bate com a bola três vezes no chão e a música cessa.

Os foliões param em volta da roda com o caçador e os outros, que ficam assustados.

CLÓVIS

(Cordial)

Então são vocês que a estrela da tarde anunciou que chegariam do céu aqui na terra?

CAÇADOR

Somos do céu...

CLÓVIS

(Interrompe)

Como vieram do céu? Voando? Vieram com o vento? Saltaram lá de cima? Você parece ser caçador.

CAÇADOR

Sim, sou caçador. Viemos pela corda. Os outros que vieram do céu fugiram correndo pela mata quando viram o Mapinguari... *(Acento musical, ronco e urro do bicho feito com cuíca ou tambor-onça; os foliões se olham e riem)*

ELIAS

É, o macacão peludo.

CLÓVIS

E o que o “macacão peludo” fez? *(Ri com os foliões)*

JONAS

Queria comer as nossas cabeças...

ELIAS

Balançou, puxou forte e arrebentou a corda do céu.

JONAS

E aí caíram na terra homens e mulheres do céu que estavam descendo pela corda. Eles fugiram do Mapinguari. *(Acento musical, ronco do bicho)*

ELIAS

(Conta e gesticula)

O bicho cabeludo quase come os olhos do caçador.

JONAS

E ia comer depois as nossas línguas, orelhas, cabeças e miolos. Aí o caçador jogou uma flecha no umbigo dele, mas o macacão peludo se protegeu colocando um homem que ele estava comendo na frente do umbigo. A flecha acertou no homem e aí o bicho ficou furioso e pegou o caçador pelo braço.

ELIAS
(Empolgado)

Atacamos o bicho pelos lados com facões, ele ficou desorientado. Quando a fera cabeluda ia morder e comer a língua do caçador, eu e o Jonas atacamos a fera pelos lados com nossos facões.

JONAS

Nós ferimos o macacão cabeludo e depois ele fugiu correndo pela mata com medo da gente.

ELIAS

Enfrentamos no facão e na unha o monstro peludo dos pés tortos.

JONAS

Na mão...

ELIAS

No sopapo...

JONAS

No “catiripapo”.

ELIAS

E no facão. *(todos riem)*

CAÇADOR

Fugiu ferido e urrando feito uma besta pela mata.

CLÓVIS

(Rindo)

Quer dizer que vocês enfrentaram o Mapinguari? *(Acento musical cômico)* Ouviram isso, povo da terra? Eles assustaram no “catiripapo” e no facão o Mapinguari. *(Outro acento musical cômico; todos riem)*

CAÇADOR

Foi sim. Não acreditam? Mirei mas o macacão protegeu o umbigo com o homem que ele comia a cabeça e fugiu quando o Jonas e o Elias encurralaram e feriram o bicho com os facões.

CLÓVIS

Ah, sim... Mas não foi no tapa, no sopapo, no “catiripapo”? *(Ri)*

CAÇADOR

Ele agarrou minha cabeça e ia comer minha língua. Aí eles atacaram o bicho.

JONAS

Tinha mais de cinco metros.

ELIAS

Uns quatro.

JONAS

Quatro? Tinha uns seis metros o homem macacão peludo dos pés tortos.

CLÓVIS

Seis metros? *(Ri)* A descida do céu pra terra não perturbou a cabeça de vocês e estão confundindo sagui com “macacão peludo”? *(Os foliões riem)*

CAÇADOR

O bicho só não tinha cabelo no umbigo.

CLÓVIS

No umbigo? (*Ri alto*) Um macacão peludo que não tinha cabelo só no umbigo? (*Gargalha*) Essa é boa. Meu povo da terra, os homens do céu estão dizendo que viram o Mapinguari. (*Mais um acento musical cômico; todos gargalham e zombam*)

CAÇADOR

Não sei por que não acreditam. Nunca viram o Mapinguari? (*Acento musical, ronco do bicho*) Foi esse o nome que o monstro disse que era.

CLÓVIS

Ah, o bicho fala? O “macacão cabeludo” falou o nome dele pra vocês? (*Gargalha com os foliões*) O Mapinguari... (*Acento musical cômico*) Ninguém consegue ver as pegadas tortas dele faz muito tempo. (*Aos da terra*) Quem se lembra do Mapinguari? (*Outro acento musical cômico; todos murmuram negando*) Me diz uma coisa, caçador. Aqui na terra quem tem fama de contador de causo exagerado e de contador de “lorota” são os pescadores. Lá no céu são os caçadores? (*Todos gargalham*)

CAÇADOR

Eu só conto o que vi com esses olhos e vivi com esse corpo, essa carcaça que já enfrentou muitos bichos. Se eu disse que vi o Mapinguari... (*Acento musical cômico*) É porque vi. Se não quiser acreditar não acredita, mas que nós três vimos e eles dois feriram e espantaram o bicho, o macacão peludo, isso aconteceu sim e é verdade.

JONAS

Pode acreditar no que diz o caçador.

ELIAS

Lá no céu quem tem fama de contador de mentira são os caçadores, mas nessa história do Mapinguari... (*Acento musical cômico*)

JONAS

O caçador diz a verdade. Nós vimos e enfrentamos o bicho.

ELIAS

Ficamos cara a cara com o homenzarrão, o macaco cabeludo gigante.

CLÓVIS

Será que o Mapinguari... (*Acento musical, ronco do bicho*) Só aparece pra quem não é da terra?

CAÇADOR

O bicho puxou e cortou a corda, alguns caíram e muitos ficaram no céu. Os que caíram correram do bicho e sumiram na mata.

ELIAS

Nunca mais vamos ver muita gente.

MAÍRA

(*Chora*)

Meu marido. O que aconteceu com meu marido?

YANDARA

O que será de nós com nossos filhos sem pai?

CAÇADOR

Uma hora eles aparecem.

CLÓVIS

(*Conforta as mulheres*)

Na terra as crianças são cuidadas por todos, são filhas e filhos de todo mundo. Vocês chegaram em fevereiro, época de festa. É carnaval. Em junho, nas festas juninas fazemos balões cheios de suspiros, cocadas e balas e mandamos pro povo do céu. Aqui tem muito doce de goiaba, jabuticaba e banana-da-terra.

CAÇADOR

As crianças fazem grandes pipas e mandam os doces pro céu.

CLÓVIS

O carnaval é para cantar e brincar. A tristeza não tem vez na terra durante o carnaval. Aconteça o que acontecer. A felicidade está em todo lugar, na mata, nas cidades, no barraco ou no castelo... Quem sabe seus amigos e maridos ouvem os nossos cantos e brincadeiras lá no céu ou em algum lugar na mata?

*O Clóvis apita e volta a marcha-rancho AMOR DE CARNAVAL. Os foliões põem fantasias no caçador, em Jonas, Elias, Mairum e nas mulheres no meio da roda e saem cantando*₂₈

num bloco compacto, em movimentos marcados. A luz cai em trevas e continuam os brilhos de fogos de artifício na mata escura. A marcha-rancho some. Na semiescuridão, entram a RAPSODA, com uma sanfona, e CAVALEIROS e AMAZONAS, vestidos com roupas brancas, com desenhos e estrelas luminosas (feitas com faixas e adesivos reflexivos e reluzentes, de iluminação de trânsito) divididos em dois grupos, um com pontos luminosos azuis e outro com luminosos vermelhos. Eles entram cavalgando seus cavalos de pau trazendo bandeiras, espadas e estandartes e cada grupo fica com seu estandarte de um lado do palco, de modo que um lado seja o céu e o outro lado seja a mata na terra. As luzes abrem aos poucos.

CAVALEIRO 1

Muitas luas se passaram...

CAVALEIRO 2

Depois de fevereiro...

RAPSODA

Os homens, as mulheres e as crianças do céu e da terra resolveram comemorar e fazer uma grande festa. *(Acento musical, solo na sanfona)*

CAVALEIRO 1

Na terra é época das festas juninas...

Começa AMOR DE SÃO JOÃO, baião, com variações para xote, música de quadrilha, com sanfona, zabumba e triângulo. Os cavalos de pau são usados também como alegorias de mão. As luzes abrem totalmente e os clarões dos fogos de artifício continuam. A música começa como baião, instrumental. Os Cavaleiros e a Rapsoda falam na pulsação do baião.

RAPSODA

Quem vivia na terra preparou muitos doces de goiaba, jabuticaba e banana-da-terra.

CAVALEIRO 1

As crianças fizeram grandes pipas e mandaram os doces para o céu. CAVALEIRO 2
Os homens do céu soltaram balões carregados de suspiros, cocadas e balas. RAPSODA
As estrelas cadentes riscavam o firmamento como fogos de artifício.

Os dois grupos cantam, dançam, sapateiam e se movimentam pelo palco em evoluções e passos marcados. O Cavaleiro 1 com um apito comanda as evoluções dos Cavaleiros e Amazonas pelo palco.

Acende a fogueira Do meu coração.

Hoje tem brincadeira,

Chama o povo pro terreiro Tem festa de São João! *(Bis)*

Ela rezou pra Santo Antônio Sonhando com o matrimônio E uma casinha pra morar.

Meu amor de São João, Eu te dou essa canção,

Não tenho patrimônio,

É tudo que eu posso dar. *(Bis)*

Depois do último bis, a música muda o ritmo de baião para xote e continua, instrumental. Os Cavaleiros e a Rapsoda falam na pulsação do xote.

RAPSODA

Foi uma festança com muita música, muitos doces e muitas danças.

CAVALEIRO 2

A festa só acabou no terceiro dia.

CAVALEIRO 1

Porque os dedos dos sanfoneiros estavam feridos de tanto tocar.

RAPSODA

Eu mesmo já não aguentava mais abrir e fechar o fole da sanfona.

CAVALEIRO 2

Nós estivemos lá na festa e trouxemos uma latinha cheia de doces.

CAVALEIRO 1

Doce de mamão, de goiaba, de cupuaçu, açaí e amora pra vocês...

RAPSODA

Mas na estrada da Marmelada... *(Os três se olham e riem)*

CAVALEIRO 2

Nossos cavalos fizeram uma patacoada...

CAVALEIRO 1

Quando viram uma égua empacada...

RAPSODA

Meu alazão deu uma topada...

CAVALEIRO 2

Meu cavalo baio deu uma empinada...

CAVALEIRO 1

Meu pangaré deu um tropeção e pá...

RAPSODA

Que azar!

CAVALEIRO 2

A latinha de doce caiu no chão...

CAVALEIRO 1

Foi o maior “fuá”. Uma baita presepada.

RAPSODA

E por isso... *(Junto com os dois)* Não sobrou nada.

A música volta para o ritmo do baião. Os Cavaleiros e Amazonas cantam, dançam e evoluem em duplas e trios pelo palco, com galopes, volteios, rodopios e giros sincronizados com a música.

Acende a fogueira Do meu coração.
Hoje tem brincadeira,
Chama o povo pro terreiro Tem festa de São João! *(Bis)*

Ela rezou pra Santo Antônio Sonhando com o matrimônio E uma casinha pra morar.
Meu amor de São João,

Eu te dou essa canção, Não tenho patrimônio,
É tudo que eu posso dar. (Bis)

O Cavaleiro 1 apita três vezes, na pulsação do baião, em cada apito, todos fazem um gesto em conjunto e, no último apito, todos param num gesto e fixam uma imagem, uma composição cênica final com a Rapsoda, os Cavaleiros e Amazonas. A música e as luzes fecham ao mesmo tempo, com o último apito, no instante em que todos fixam a imagem final. Silêncio. Escuridão.

FIM

Todos los derechos reservados.
Buenos Aires (2025)

Si usted está interesado en poner en escena este texto rogamos comunicarse con su autor/a:
luzclaranjeiras@gmail.com - lcsantosreis@hotmail.com
thiagomairum@gmail.com -

Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral CELCIT
Buenos Aires. Argentina.

www.celcit.org.ar
correo@celcit.org.ar

Asociación de Teatristas independientes para niños/as y adolescentes- ATINA
(ASSITEJ Argentina)

Web del centro: <https://cbitij.org.br/>
Contacto del centro: contato.cbitij@gmail.com

Red Iberoamericana de Artes Escénicas para la Infancia y la Juventud de ASSITEJ
www.rediberoamericana.assitej.net
rediberoamericana@gmail.com

